**AS MÚLTIPLAS FORMAS DE ESPIRITUALIDADE E A ESPIRITUALIDADE SEM RELIGIÃO: Primeiras reflexões**

***Dedjany de Mendonça Delgado***[[1]](#footnote-1)

***Brenda Cássia Cordeiro de Carvalho[[2]](#footnote-2)***

**Grupo de Trabalho (GT): GT 7 – Ensino Religioso, Culturas e Religiosidades Indígenas**

**Resumo**

Este estudo é um ensaio teórico sobre a espiritualidade sem religião e as múltiplas formas de espiritualidade na busca pelo transcendente, além das religiões tradicionais cristãs. A pesquisa nos convida a refletir sobre a complexidade desses fenômenos, explorando como eles podem colaborar para o bem viver da humanidade. Essas reflexões iniciais contribuem para a academia, especialmente na área de Ciências das Religiões, pois essa discussão está emergindo e precisa ser mais debatida. Socialmente, essas reflexões são relevantes diante das indagações sobre a espiritualidade fora do contexto das religiões tradicionais. Trata-se de um estudo com abordagem qualitativa por meio da revisão bibliográfica acerca da temática, “espiritualidade e religião” a partir da compreensão conceitual. Dentre os estudos pesquisados, destacamos como ponto departida para discussão dialógica os conceitos utilizados por Krenak, (2019), Senra (2020), e Santos (2021). Em síntese, as leituras das bases conceituais contribuíram, significativamente, para nossa reflexão, por enfatizar a liberdade humana enquanto sujeito espiritual. Assim, os autores apresentam argumentos e concordam que o “afastamento religioso não implica na falta de espiritualidade, mas na mudança da forma como ela é compreendida e vivenciada”.

**Palavras-chave:** Espiritualidade não religiosa; Espiritualidade; Múltiplas formas de espiritualidade; Ciências da Religiões

**1 Introdução**

O afastamento das pessoas de suas religiões tradicionais é um fenômeno que vem crescendo e passou a ser estudado sistematicamente a partir do século XXI, sendo um tema relevante e complexo diante das análises das diversas pesquisas (Rodrigues, Moniz e Pinto, 2023). Os dados do IBGE (2010) apresentam um crescimento de 8,4% da população brasileira que se declara sem religião.

O crescimento do número de pessoas que se consideram sem religião, tem despertado o interesse acadêmico pela secularização da sociedade contemporânea, ao se analisar a ascensão da espiritualidade sem religião. Esse fenômeno ultrapassa a ausência de crença em Deus, considerando as crenças individuais e autônomas que influenciam as decisões, escolhas e comportamentos das pessoas.

Esta pesquisa nos convida a refletir sobre a complexidade dos fenômenos da espiritualidade sem religião e a diversidade de uma espiritualidade que vai além das religiões tradicionais, explorando como elas podem contribuir para o bem viver. Na área de Ciências das Religiões, essas temáticas precisam ser mais discutidas. Socialmente, essas reflexões são relevantes, pois ainda existem dúvidas sobre a espiritualidade no contexto diverso às religiões tradicionais.

A metodologia utilizada na pesquisa foi de abordagem qualitativa de natureza exploratória, com base em uma revisão bibliográfica. A partir de uma seleção de obras e artigos acadêmicos relevantes que emergem do tema, buscou-se estabelecer um diálogo entre os conceitos de Espiritualidade sem religião e as múltiplas formas de espiritualidade, enfatizando a liberdade humana enquanto sujeito espiritual e as transformações no campo religioso brasileiro. A pesquisa explora como as novas formas de espiritualidade favorecem a manutenção da fé e das crenças ao proporcionar uma conexão com o transcendente. Além disso, demonstra que o afastamento religioso não implica necessariamente a falta de espiritualidade, mas sim uma mudança na forma como ela é compreendida e vivenciada, apresentando a busca por uma espiritualidade holística[[3]](#footnote-3) .

**2 Primeiras reflexões sobre espiritualidade sem religião e as múltiplas formas de espiritualidade**

A espiritualidade sem religião tem crescido hodiernamente, com o movimento de desinstitucionalização da crença e a valorização da liberdade individual no cultivo de uma relação direta com o divino, são valorizados, se contrapondo à submissão e às regras das doutrinas institucionais e tradicionais. Segundo Rodrigues, Moniz e Pinto (2023), ainda é difícil categorizar o fenômeno do sem religião devido à sua complexidade e subjetividade. Não há uma única definição; no entanto, é possível compreender as motivações, implicações e perspectivas dessa espiritualidade não religiosa.

Diante das argumentações acima, a individualização religiosa torna-se visível, permitindo que as pessoas possam, conforme afirma Rodrigues, Moniz e Pinto, p. 8, 2023.

[...]se compreender como sendo seculares sem ser ateístas; participarem em cerimónias e atividades religiosas, mas não se autoposicionando enquanto crentes; assumir-se como culturalmente religiosas, mas rejeitando qualquer vínculo com uma crença, igreja ou religião institucionalizada.

A individualização religiosa apresenta flexibilidade das expressões de crença. As pessoas podem participar das mais variadas cerimônias ou rituais religiosos sem se considerarem crentes daquela instituição ou grupo espiritualista, como também podem transitar por diversas culturas religiosas, sem estabelecer vínculos. É possível perceber que essas expressões religiosas e da espiritualidade vão se adaptando conforme as mudanças sociais e culturais contemporâneas. Novais (2013) observou que os sem religião em sua maioria são jovens, há mais homens que mulheres, com idade média de 26 anos, sendo 43% pardos. Além de que, há uma grande diversidade interna em termos de renda, escolaridade e região, o que dificulta a definição de um perfil único. Outro ponto a considerar, é que os jovens vêm de famílias com fortes tradições religiosas e rompem com os modelos transgeracionais. Eles apresentam uma espiritualidade flexível, que envolve questões significativas e valores essenciais para as pessoas, podendo derivar de diversas crenças, religiões e também de correntes esotéricas.

De acordo com Senra (2020, p.73), a espiritualidade não religiosa é definida como “pessoas que se afirmam sem religião ou não afiliadas, em perspectiva teísta, o âmbito da crença em Deus que se desenvolve à margem das instituições religiosas ou desligadas de seu antigo pertencimento a instituições religiosas”.

Os autores apresentam complexidade em definir a espiritualidade não religiosa, no entanto apresentam um perfil comportamental que permite identificar com mais clareza o contexto dessas características, visto como o forte indício na desinstitucionalização religiosa. Assim, a espiritualidade não religiosa é compreendida pela ausência de vínculo institucional, sendo um fenômeno mais subjetivo, pessoal, individualizado e autônomo. Em que o sujeito mantém a crença em Deus, mas desenvolve essa crença fora dos âmbitos institucionais religiosos, não exigindo submissão às doutrinas e regras. Em vez disso, busca uma espiritualidade baseada na vivência[[4]](#footnote-4), de maneira mais livre e desvinculada do controle institucional. Essa liberdade direciona a uma espiritualidade personalizada, refletindo a busca por um significado existencial e de conexão com o divino, com o objetivo do bem viver. Portanto, ao romper com uma instituição religiosa devido a qualquer discordância de valores, as pessoas podem buscar novas formas de vivência para encontrar sentido em suas vidas, como, por exemplo, a espiritualidade e suas múltiplas formas.

Nessa linha de pensamento apresentaremos dois tipos de espiritualidade, a indígena, sob o olhar de Krenak e a ética Ubuntu.

Na obra “Ideias para adiar o fim do mundo de Krenak (2019)”, onde o autor nos convida a repensar nossas concepções de espiritualidade, partindo do pressuposto de que se deve perceber uma espiritualidade que vai além das concepções religiosas tradicionais, revelando uma conexão profunda entre os seres humanos e a natureza. Ele nos inspira a cultivar uma visão de mundo que valorize a interconexão e o respeito mútuo entre todos os seres vivos, além de salientar a importância de estar presente, de viver plenamente e de desfrutar da vida. Seu estilo de vida não apenas revela sua essência, mas também sua forma de interagir com o mundo, apresentando a importância de respeitar e honrar o mundo natural, reconhecendo sua sacralidade.

O autor questiona a visão antropocêntrica e apresenta uma forma mais holística para a convivência humana, partindo do princípio da interdependência do ser humano e a natureza, reconhecendo o respeito pela vida com sentido, “mas também na dimensão transcendente que dá sentido à nossa existência” (Krenak, 2019, p.42).

Continuando o autor enfatiza que:

[...] estamos tentando abordar o impacto que nós, humanos, causamos neste organismo vivo que é a terra, que algumas culturas continuam sendo reconhecidas como nossa mãe e provedora em amplos sentidos, não só na dimensão da subsistência e na manutenção das nossas vidas, mas também na dimensão transcendente que dá sentido à nossa existência (Krenak ,2019. p. 42).

Dessa forma, podemos compreender que a espiritualidade do povo Krenak não está apenas no discurso de luta, mas também na maneira de viver, sendo parte dos valores existenciais desse povo. Além disso, existem outras formas de espiritualidade que permitem uma consciência de humanidade; essa maneira de viver pode ser considerada uma conexão direta com o transcendente, em que tudo pode ser visto como sagrado. A ética ubuntu nos oferece uma outra maneira de pensar a espiritualidade.

IHU Online (2010, p. 1) apresenta uma entrevista com Dalene Swanson refletindo sobre a ética ubuntu em que:

[...] se pronuncia contra uma interpretação ideológica capitalista da realidade. Sua filosofia nativa espiritual está em maior consonância com a Terra, suas criaturas e suas formas vivas [...]. Reconhecido como ‘um sistema de crenças, uma epistemologia, uma ética coletiva e uma filosofia humanista espiritual do sul da África’ [...].‘o ubuntu não coloca o indivíduo no centro de uma concepção de ser humano: ‘A pessoa só é humana – explica – por meio de sua pertença a um coletivo humano; a humanidade de uma pessoa é definida por meio de sua humanidade para com os outros’. [...] Maior consonância com a Terra, suas criaturas e suas formas vivas, e isso diz respeito a toda a humanidade em toda parte’.

Nesse sentido, a ética ubuntu possui uma essência que contrasta com a perspectiva individualista e materialista da realidade capitalista ocidental, pois é uma filosofia nativa que valoriza a harmonia com a terra, suas criaturas e todas as formas de vida. É um povo que vivencia, de maneira espontânea e cotidiana, a fraternidade, a sororidade, a amizade. Assim, uma filosofia de comprometimento com o outro.

IHU Online (2010, p. 2) descreve que o ‘Ubuntu é uma abreviação de um provérbio *isiXhosa* da África do Sul, proveniente de *Umuntu, ngumuntu, ngabantu*: uma pessoa é uma pessoa por meio de seu relacionamento com outros’. Uma espiritualidade que fortalece a importância da paz e harmonia comunitária sobre o individualismo.

As múltiplas formas de espiritualidade nos levam a refletir sobre os nossos valores e a nossa forma de estar no mundo, a desenvolver uma espiritualidade que prioriza a paz, a harmonia e o comprometimento com o bem-estar coletivo e ao bem viver.

**3** **Resultados e Discussão**

A evolução humana afastou as pessoas das crenças primitivas e ancestrais, estabelecendo uma hierarquia dos povos primitivos e suas crenças. A crença na magia típica desses povos, foi definida como inferior, enquanto de superior, a crença europeia, entendida como os povos civilizados, a religião institucionalizada, com escrituras, sacerdotes numa estrutura de poder. Isso colocou os povos primitivos como “sem cultura”, por não desenvolverem instrumentos de dominação da natureza (Bellotti, 2011).

De acordo com Cavalcante (2000, p. 46) “o afastamento do homem da natureza e do sentimento de sagrado que ela inspira foi uma das consequências da separação entre ciência e espiritualidade”. Colocando os saberes ancestrais na gaveta da desqualificação e do folclore (Krenak, 2019).

Mesmo diante dessa realidade, percebe-se que aos poucos, as pessoas estão retornando ao caminho, ou seja, voltando da modernidade ao que é ancestral. Mesmo com uma invasão violenta feita pelos portugueses, que tentaram saquear os indígenas em tudo, houve resistência silenciosa. Essa força do conhecimento e tradições primitivas estão fazendo com que as pessoas deixem suas religiões, a exemplo o cristianismo para viver a espiritualidade indígena.

Diante disso, as múltiplas formas de espiritualidade apresentadas anteriormente mostram o retorno ao sagrado ancestral, uma ligação direta com o transcendente, sem a estrutura religiosa institucional do homem ocidental e eurocêntrico. As pessoas estão fazendo um caminho de volta para curar as suas feridas e sofrimentos e encontrar o sentido de humanidade.

A ciência está se abrindo cada vez mais a esse fenômeno. Bellotti (2011) diz que estudos mais recentes sobre as religiões e espiritualidade tentam observar a dimensão subjetiva, que é complexa para explicações racionais e funcionais. Tendo em vista que as crenças e os saberes ancestrais vêm da cultura e não está nos livros, mas na sabedoria dos povos primitivos, passada transgeracionalmente.

Essa tendência de afastamento religioso está se tornando cada vez maior entre as pessoas, justamente pelo fortalecimento da autonomia individual sobre suas escolhas religiosas ou espirituais. O que antes era considerado simples da sabedoria primitiva que era descartado está se tornando a salvação para muitos.

Há vinte e oito anos, no dia 04 de setembro de 1987 a Assembleia Nacional Constituinte foi marcada pela defesa da Emenda Popular da União das Nações Indígenas, Krenak fez um discurso parte dele revelando a essência da espiritualidade indígena.

Destaca-se nesse discurso que:

“A ignorância pelo que significa ser um povo indígena. O povo indígena tem um jeito de pensar, um jeito de viver. Tem condições fundamentais para sua existência e para manifestação da sua tradição, da sua vida, da sua cultura, que não colocam em risco e nunca colocaram a existência (ABL, 2024)”.

Dessa forma, para se estar no mundo e viver sistemicamente, não é preciso dominar a natureza e sim fazer parte dela, cuidar, preservar para que o sistema fique equilibrado e favoreça a própria sustentabilidade de forma natural. É visível nos estudos das religiões, que esse movimento impacta a sociedade, em que a espiritualidade está conectada com a visão sistêmica do mundo.

Quando Santos (2021) propõe o artigo “A urgência de uma espiritualidade não cristã” instiga a necessidade de repensar a nossa relação com o sagrado de maneira mais inclusiva e harmônica consigo mesmo, como o outro, com o mundo.

Continuando o autor destaca:

A espiritualidade pressupõe uma ontologia relacional, tal como a que propõe a Filosofia africana do ubuntu da África austral: 'eu sou porque tu és'. Esta filosofia está ancorada numa ideia de espiritualidade horizontal e parece-me mesmo mais pertinente no nosso tempo que o mandato bíblico 'ama o próximo como a ti mesmo', ancorado numa espiritualidade vertical (Santos, 2021, p.2).

Dessa forma, consideramos a espiritualidade como um conceito abrangente que engloba essas experiências, sejam elas espontâneas ou adquiridas por meio de práticas, reconhecemos que tais experiências exercem um profundo impacto na existência humana, contribuindo para o crescimento interior dos sujeitos, os permitindo de conviver de maneira harmônica com o mundo e com ele mesmo, sem explorar nenhum recurso natural.

**5 Considerações Finais**

A argumentação teórica destacou que a espiritualidade é intrínseca ao ser humano e que a conexão com a natureza é essencial e vital para todos. No mundo, pessoas exploram diversas tradições religiosas, práticas espirituais ou filosofias na tentativa de encontrar a conexão com algo maior do que elas próprias.

Compreendemos que a desinstitucionalização da crença é uma tendência crescente, com o afastamento das pessoas de suas religiões tradicionais em busca de outras espiritualidades. Esse fenômeno permite a manutenção da fé de maneira personalizada, sem se limitar às regras, aos dogmas de rituais convencionais, mas sim alinhada aos valores subjetivos do sentido da vida. Além disso, as múltiplas formas de espiritualidade, como espiritualidade indígena dos Krenak e a ética ubuntu, oferecem perspectivas alternativas sobre a conexão com o sagrado. Assim, as múltiplas espiritualidades se contrapõem à realidade vivida na contemporaneidade da sociedade ocidental.

Para futuros trabalhos, sugere-se a investigação cientifica das múltiplas formas de espiritualidade e a formação humana, investigando como essas diferentes formas de espiritualidade contribuem para o bem viver.

Por fim, percebemos que a espiritualidade não religiosa e as múltiplas formas de espiritualidade apoiam as pessoas a estabelecer uma conexão direta com o transcendente. Essas mudanças retratam uma sociedade em busca da relação mais harmoniosa consigo mesma e com o cosmos, fortalecendo uma espiritualidade que transcende as fronteiras das religiões tradicionais cristãs.

**Referências**

ABL. Cerimônia de Posse do Acadêmico Ailton Krenak. Rio de Janeiro, 2024. 1 vídeo (2h1m58s). Publicado pelo Canal Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a4-sXz3_ZWI>. Acesso em: 05 abril de 2024.

BELLOTTI, Karina Kosicki. História das religiões: conceitos e debates na era contemporânea. História: Questões & Debates, [S.l.], v. 55, n. 2, dez. 2011. ISSN 2447-8261. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/26526> . Acesso em: 10 de março de 2024.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Cia das Letras, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Tabela 2103 - População, residente, por situação do domicílio, sexo, grupos de idade e religião. Tabela. sem religião. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/2103#resultado>. Acesso em: 13 de maio de 2024.

IHU Online - Ubuntu, uma “alternativa ecopolítica” à globalização econômica neoliberal. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/3689-dalene-swanson>. Acesso em: 23 de março de 2024.

NOVAIS, Regina. Jovens sem religião: sinais de outros tempos. TEIXEIRA, Faustino;

POSSEBON, E. P. G.; POSSEBON, F. Descobrir o afeto: uma proposta de educação emocional na escola. Revista Contexto & Educação, [S. l.], v. 35, n. 110, p. 163–186, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/8925>. Acesso em: 10 julho de 2023.

RODRIGUES, Donizete; MONIZ, Jorge Botelho e PINTO, Paulo Mendes. Os sem religião: diálogos transatlânticos. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/375766245_Os_sem_religiao_dialogos_transatlanticos>. Acesso em: 25 de março de 2024.

SANTOS, Boaventura de Souza. A urgência das espiritualidades não cristãs. IHUonline. Disponível em: Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/3689-dalene-swanson> . Acesso em: 23 de março de 2024.

SENRA, Flávio. Espiritualidade não religiosa. In: RIBEIRO, Claudio de Oliveira; ARAGÃO, Gilbraz; PANASIEWICZ, Roberlei (orgs.). Dicionário do Pluralismo Religioso. 1ed.São Paulo: Editora Recriar, 2020, p.71-77.

WEIL, Pierre. Holística: uma nova visão e abordagem do real. São Paulo, Palas Athena, 1990.

1. Mestranda do curso de Ciências das religiões da Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Contato: dedjanydelgado@gmail.com [↑](#footnote-ref-1)
2. Mestranda do curso de Ciências das religiões da Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Contato: ftbrendacordeiro@gmail.com [↑](#footnote-ref-2)
3. “Vem do grego “holos”, que significa ‘todo’, ‘inteiramente’. Holística é portanto, um adjetivo que se refere ao conjunto ao “todo”, em suas relações com suas partes à inteireza do mundo e dos seres” (Weil, 1924, p.13). [↑](#footnote-ref-3)
4. “É a possibilidade de instaurar novas aprendizagens de vinculação amorosa e de intensa conexão com a vida e, por isso, estão intimamente relacionadas com a experiência profunda, plena de significado” (Possebon; Possebon, 2020, p. 171). [↑](#footnote-ref-4)